

Palavras - chave:
Representação;
Memória; Tropeirismo;
Campo do Tenente.

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo investigar as memórias do tropeirismo na cidade de Campo do Tenente (Paraná), a fim de compreender como esta cultura se faz presente nas relações sociais e culturais. Assim, tendo em vista a diversidade de povos que ajudaram a construir a formação social e cultural da atual cidade, este estudo visa proporcionar uma reflexão acerca das disputas de memórias histórico-culturais entre os colonizadores europeus, bem como de seus descendentes. Essa análise foi realizada por meio da crítica de como foram representadas essas memórias no jornal “Voz do Campo”, no informativo municipal “Informação”, entre os anos de 2008 a 2018. Estes são confrontados de informações através dos dados coletados nas entrevistas orais realizadas entre 2017/2018 e nas imagens encontradas no Arquivo Digital Fotográfico do Acampamento Tropeiro (2014). Para tal intento, a pesquisa bibliográfica se deu com ênfase em autores que abordam a representação das memórias pelo viés da História Cultural.

O LUGAR DAS MEMÓRIAS DO TROPEIRISMO NA CIDADE DE CAMPO DO TENENTE-PARANÁ (2008-2018)

Beatriz Santos de Oliveira¹
Lorena Zomer²

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem a finalidade de compreender como foram representadas as memórias do tropeirismo³ na cidade de Campo do Tenente no Paraná que, segundo Raul D'almeida (1976, p.20) pertencia ao conhecido Caminho das Tropas. Este caminho foi formado a partir do início do século XVIII, transformando-se em uma atividade de extrema importância no desenvolvimento social, econômico e cultural da região Sul e Sudeste, no período colonial brasileiro. Além disso, contribuiu significativamente para o povoamento das diversas cidades na rota Sorocaba (SP) /Viamão (RS).

Entretanto, ao consultar os registros históricos da cidade, como o jornal “Voz do Campo” e os informativos municipais, os mesmos consideram como data de povoamento a inauguração da estação ferroviária de Campo do Tenente (1894), logo após à chegada de imigrantes europeus. Nesse caso, de acordo com a pesquisa da historiadora Joseli Vichinieski Novaki - “O legado polonês em Campo do Tenente” (2006, p.01) – o desenvolvimento econômico de Campo do Tenente se deu por volta de 1894, quando foi inaugurada a estrada de ferro. Com esta veio ainda a fábrica de madeiras de Henrique Stalhke (1895-1960), atraindo muitas famílias para a cidade em busca de trabalho, principalmente as de origem europeia.

Assim, considerando a diversidade de povos que ajudaram a construir a atual cidade de Campo do Tenente, a problemática norteadora dessa pesquisa analisou como foram representadas as memórias do tropeirismo nos jornais e nos informativos municipais, que circularam pelo município entre os anos de 2008 a 2018. O interesse pelo tema se deu pela inquietação do porquê dos munícipes se identificarem tanto com essa cultura presente em diversos eventos realizados na cidade, porém pouco representado pela história local.

A pesquisadora Nádia Terumi Joboji (2009, p.90), para a produção da sua dissertação de mestrado “Projeto Turístico Integrado de Desenvolvimento Regional; o caso da Rota dos Tropeiros no Estado do Paraná”, enviou questionários às cidades localizadas na Rota dos Tropeiros (cidades pertencentes a Rota dos Tropeiros: Arapoti; Balsa Nova; Campo do Tenente; Campo

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de OTCC. E-mail: beatriz19 0383@hotmail.com

2 Orientadora. Prof. Dra. Lorena Zomer. Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

3 Tropeirismo: o tropeirismo deriva do termo, “tropa”, uma atividade itinerante desenvolvida por grupos de homens que teve início no período do Brasil Colonial.

Largo; Carambeí; Castro; Jaguariaíva; Lapa; Palmeira; Piraí do Sul; Ponta Grossa; Porto Amazonas; Rio Negro; Sengés; Telêmaco Borba; Tibagi). Entretanto, o Departamento de Cultura do município de Campo do Tenente não participou, apesar de fazer parte da mesma. Isto ocorreu, em razão de não ter sido identificado empreendimento algum na cidade para fazer parte da pesquisa mencionada, no ano de 2008.

Desse modo, pesquisar sobre as memórias do tropeirismo na cidade de Campo do Tenente, justifica-se pelo fato de existir memórias tropeiras na construção sócio histórica da cidade. Todavia se entende que essas memórias estão sendo menos evidenciadas em relação a outras. Nesse sentido, trago ideias do historiador Michel Pollack (1989), segundo o qual:

[...] a memória, é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, ela integra, nas tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...] (POLLACK, 1989, p.12).

Entende-se a partir dessas percepções que as memórias – e seus lugares – ao se tratarem de um objetivo coletivo, também reforçam disputas entre os grupos que fazem parte delas. Nesse sentido, é preciso considerar que ao eleger uma memória ou outra como mais evidente, deixamos outras também “desejadas” do seu lugar. Esses processos, nem sempre conscientes podem ser percebidos na história de Campo de Tenente, afinal a memória dos imigrantes europeus parece estar mais “saliente” nas práticas de rememoração.

Para tanto foi usado como referencial teórico a análise do historiador Roger Chartier “O mundo como representação” (1989, p.183), a fim de compreender como as representações das memórias coletivas são as matrizes da história, e também as construtoras do mundo social. Segundo o autor, essas representações sociais, constituem as leituras de mundo de determinadas sociedades e podem ser entendidas como as presentes em Campo do Tenente, que foram construtoras da identidade social.

De acordo como o historiador Jaques Le Goff (2003) “a memória traz à tona uma série de lem-

branças que retomam vivências de um sujeito ou grupo, podendo ser um aparato de grande valor ideológico no processo de construção e reconstrução histórico-social “ (LE GOFF, 2003, p. 469). Diante disso, contemplar as memórias dos diversos personagens que foram presentes na construção da história de Campo do Tenente, por meio do viés da história cultural, possibilita uma visão mais plural, pois é na socialização e na preservação da memória, que podemos conhecer e reconhecer, as ações e os gestos dos diversos personagens que formaram a região.

O estudo se baseia na análise de dados quantitativos e qualitativos, representados pelo jornal “Voz do Campo” e nos informativos municipais, que circularam pela cidade, entre os anos 2008 a 2018. Estes são confrontados com as imagens encontradas no Arquivo Digital Fotográfico do Acampamento Tropeiro (2014). Nesse contexto, são somadas as entrevistas orais de moradores da cidade, coletadas por meio de gravação de áudio, com roteiro livre (2017/2018)⁴, com intuito de abordar as diversas memórias que compõem a história local e dar vozes aos sujeitos, muitas vezes silenciados pela historiografia mais tradicional.

O artigo está dividido em três seções: primeiramente será abordado como o ciclo do tropeirismo no século XVIII possibilitou o povoamento das regiões pertencentes aos caminhos onde passavam as tropas, a exemplo de Campo do Tenente, dialogando e debatendo com a bibliografia que destaca a cidade como rota e pouso para os tropeiros. Em seguida será realizada uma análise de como as memórias do Tropeirismo ficaram em segundo plano, após a chegada dos descendentes de colonizadores europeus e buscar-se-á compreender como a presença da cultura europeia refletiu nas narrativas sobre a história da cidade.

Por fim serão analisadas como foram representadas, pelos meios de comunicação, as memórias do tropeirismo no município de Campo do Tenente entre os anos 2008 a 2018. Será compreendida também de que maneira isto influenciou a história local. Nesta etapa será realizado o confronto de informações através dos dados coletados nas entrevistas orais e nas imagens do Arquivo Digital Fotográfico⁵,

4 Entrevistas com 08 moradores da cidade de Campo do Tenente, pertencentes ao Centros de Tradições Gaúchas (CTGS). Entrevista com 05 alunos participantes do Acampamento Tropeiro em (14/10/2014), presentes na oficina pedagógica “As Memórias do tropeirismo na cidade de Campo do Tenente” (29/05/2017).

5 Arquivo digital fotográfico, INTERNET-Site da NRE/SUL, Arquivo digital, Waldemar Mulbank- Assessoria de imprensa NRE/SUL, Acervo digital fotográfico, do acampamento tropeiro, que se deu em 10/2014, no Colégio Estadual Victor Bussmann, que se encontra disponível em; <<http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=38>>acesso 01/01/2018

tendo como objetivo estabelecer relações que demonstrem as possíveis tensões memórias entre o tropeirismo e a imigração europeia.

De acordo com Le Goff (2003, 470), a memória coletiva escrita além de ser uma conquista, significa também, um objeto de poder. Ao analisar as representações históricas de Campo do Tenente, essas representações das memórias expressaram as vivências dos diversos grupos sociais que alia detinham o poder de registrá-las.

Desse modo, contemplar as diversas memórias através da pluralidade cultural, possibilita, a preservação das memórias presentes em Campo do Tenente, pois a cada vez que um indivíduo se identifica com a sua história e conhece suas raízes, ele compreende com mais clareza a sua realidade e da sua comunidade, desenvolvendo um sentimento de pertencimento. É também possível, produzindo um conhecimento mais amplo sobre os diversos sujeitos que compõem, os grupos sociais, preservando a memória e as histórias fazendo dela uma ação preservacionista da história local.

O CICLO DO TROPEIRISMO E A SUA RELAÇÃO COM O POVOAMENTO DA CIDADE DE CAMPO DO TENENTE

O desenvolvimento do tropeirismo deu-se em razão à extração do ouro no período colonial, em Minas Gerais. Segundo Tayná Gruber (2006, p. 04), o tropeiro foi representado pela historiografia como um sujeito do século XVIII, responsável pelo transporte mercadorias, de animais, de informações, percorrendo com a comitiva uma vasta extensão territorial. Nesses caminhos, ele teve uma atuação econômica importante, na rota de Viamão/RS até Sorocaba/SP, colaborando com as exigências do mercado da época e com o povoamento das diversas cidades ao longo desses caminhos.

De acordo, com José Hamilton Ribeiro (2006, p. 20), por mais de dois séculos os muars (mulas) foram arrebanhadas no Rio Grande do Sul, para serem revendidas na Feira de Sorocaba/São Paulo, além de servirem como meio de transporte de cargas do campo para a cidade. Essas idas e vindas das tropas consolidaram uma nova face do país, pois ao transportar animais e mercadorias, os tropeiros redefiniram limites do domínio português que faziam parte do Brasil colonial, alvo de muitos conflitos com os espanhóis, assim como interligaram as regiões que hoje compõe o “Caminho das Tropas”.

Assim, ao longo dos caminhos, as cidades do Sul foram nascendo. Esta região passou a ser mais povoada e, do mesmo modo, o Sudeste. Dessa maneira, possibilitou a formação de diversos povoados, que davam suporte a comitiva ao oferecer hospedagem e alimentação, transformando a paisagem na Rota Sorocaba/Viamão.

Desse modo, é preciso considerar a distância entre as regiões naquele período e a importância do ciclo do tropeirismo na transformação social e econômica ao longo de seu percurso. Neste sentido, o tropeirismo possibilitou que diversas cidades fossem fundadas, tais: Rio Negro; Campo do Tenente; Lapa; Balsa Nova; Palmeira; Ponta Grossa; Castro; Piraí do Sul; Jaguariáiva. O movimento tropeirista, em maior ou menor envolvimento, ajudou a moldar a constituição organizacional destas cidades (IDEM, 2010, p.06), as quais estão representadas no mapa abaixo (foto 01).



Imagem 1- Mapa dos caminhos dos tropeiros no Paraná, destacam-se as cidades fundadas pelo ciclo do Tropeirismo. Disponível em: < <https://sanderley.com/2019-Sanderlei/Ensino-Fundamental/Parana-Historia-Geografia-17> > acessado em 12/01/2018.

Alcides Goularti Filho (2012, p.06), afirma que a “Estrada da Mata” era um dos percursos mais perigosos, a qual era composta de Mata Araucária com terrenos úmidos, montanhosos e muitos riachos. No entanto, o autor destaca que o conflito maior era o fato da região ser povoada pelas “tribos indígenas kaingangs e xoklengs”, constantemente ameaçadas pelos fazendeiros e tropeiros, que invadiam suas terras para criação do gado e para a passagem das tropas.

De acordo com os memorialistas Paulo Roberto Peyerl e Plínio Moser, no livro “O Pacificador” (2012, p.23), em razão da invasão das terras indígenas por tropeiros e de sujeitos oriundos de vários segmentos sociais, muitos conflitos aconteciam nesse percurso. A passagem da tropa fazia com que os índios se sentissem acuados e atacassem com flechadas a comitiva, ações que eram respondidas “a tiros”. Segundo os autores os ataques não se davam pelo modo como os indígenas viviam, mas, mas pelo desejo de possuírem suas terras. E, por isso, a cada conflito, as tribos perdiam mais espaço (perdiam espaço: os indígenas perdiam espaço, em razão de os fazendeiros invadirem suas terras para criação do gado, e os tropeiros que abriam caminho para a passagem da tropa em seu território). Esses confrontos estenderam-se até o início do século XX, dizimando boa parte das comunidades indígenas que residiam ao longo da “Estrada da mata” (os municípios ao longo da rota da estrada, eram: Campo do Tenente (PR), Rio Negro (PR), Mafra (SC), Papanduva (SC), Santa Cecília antes conhecida como Campo Alto (SC).

Dessa forma, as paradas para descanso da comitiva precisavam ser estratégicas, pois os perigos presentes nesses caminhos podiam causar prejuízo ou até custarem a vida dos tropeiros. Sobre isso, Airton Celestino (2002, p.163), afirma que Campo do Tenente tornou-se local de “pouso” porque estava localizada no início da “Estrada da Mata”. Segundo o autor, tropeiros e viajantes vindo de Curitiba tinham na cidade um local seguro, que os protegiam de ataques dos indígenas e bandoleiros (estes últimos eram ladrões que assaltavam as comitivas dos tropeiros). Assim, repousar naquela localidade era a rotina da época, e devido ao suporte e segurança a comitiva em sua jornada.

A passagem dos tropeiros por Campo do Tenente também é mencionada no romance histórico de Carlos Zatti: “Os 20 Fragueiros de Campo do Tenente”. Segundo Zatti (2014, p. 25), a cidade começou a ser povoada quando chegaram os primeiros tropeiros, que expulsaram os indígenas da região, como podemos perceber a seguir:

Desde aquela época os tropeiros passaram a cruzar esses campos com suas manadas. Pelo caminho das tropas teriam passado até aquele momento, centenas de milhares de cabeças. Os rebanhos e as manadas seguiam para o norte, passando pela Vila do Príncipe, Palmeira, Castro, Jaguariaíva. Varavam rios famosos, como o Iapó e o Itararé, para atingira tradicional feira de Sorocaba. A “estrada das tropas” era o caminho que ligava a província do Rio Grande a Sorocaba, pelo qual os muare dos pampas eram arrebanhados para servirem ao transporte no centro do País (ZATTI, 2014, p. 25).

Zatti (2014) descreve a passagem dos muare arrebanhados no Rio Grande do Sul, que seguiam pela cidade para serem levados e revendidos na feira em São Paulo. O autor afirma ainda que a passagem dos tropeiros pela “Estrada da mata”, rumo a “Vila do Príncipe”, era a rotina da época daquela vila simples, pois ali tinha muitos campos para os animais se alimentarem. Segundo Zatti (2014, p.26), os tropeiros eram também vistos como os indivíduos que entendiam do território brasileiro, pois tinham experiências nesses interiores do Brasil e, por isso, conheciam diversos costumes. Embora, não podemos nos esquecer que a passagem desses homens também destruía outras tradições e costumes seculares.

Apesar do tropeiro ser representado com abordagens diversas pela historiografia, ou seja, ora como aventureiros, ora como assassinos de indígenas, ainda assim é possível afirmar que transformaram os caminhos do Sul e do Sudeste. Além disso, também podem ser analisados sob outras circunstâncias, como a saudade da família, as intempéries da natureza, a violência dos caminhos, e por fim, pelas condições precárias da alimentação e da sobrevivência. Segundo Adriana Fraga da Silva (2009, p.97), em geral, a comida era feita em um caldeirão de ferro, o fogão era uma trempe⁶ e os preparados eram refeições consideradas simples, como “virado” de feijão, arroz com carne seca e café, ou o que se tornou conhecido como “feijão tropeiro”⁷.

De acordo, com Eliane de Lima Mendes (2014), em suas paradas para pernoitar soltavam seus animais para descansar em cercados, uma prática que garantia descanso seguro para a tropa. Com o tempo, esses pousos se ampliaram, recebendo vários moradores vinculados aos trabalhos de ferreiros, arreadores e tratadores que passaram

6 Trempe: fogão improvisado do cozinheiro da tropa. Trata-se de uma armação com três varas de ferro ou de madeira verde, fincadas no chão sobre uma fogueira.

7 Feijão tropeiro: o feijão, misturado à farinha de mandioca e a outros ingredientes, um prato básico do cardápio desses homens, daí a origem do feijão tropeiro.

a fornecer a esses tropeiros alimentação e serviços gerais (MENDES 2014, p.01). Essa assistência compreendia muitas vezes em um rancho para abrigo, alimento e piquete⁸ alugado para invernção⁹ da tropa (FRASSON e GOMES, 2010, p.05).

O ciclo do tropeirismo representou no século XVIII um momento da história do país que contribuiu para transformações sociais, econômicas e culturais das diversas cidades localizadas na Rota Sorocaba/Viamão. Os tropeiros fundaram ao longo desses caminhos cidades e disseminaram costumes e tradições ao percorrerem o Sul e Sudeste do país comercializando mulas e mercadorias. A fim de considerar as intervenções causadas pelos tropeiros, o próximo tópico tem por objetivo analisar as memórias sobre esse processo histórico.

AS MEMÓRIAS DE CAMPO DO TENENTE: ENTRE O TROPEIRISMO E A IMIGRAÇÃO EUROPEIA

Os diversos elementos que fazem das memórias e dos processos de rememoração também constituem as múltiplas identidades de um povo. A memória é a capacidade humana de preservar acontecimentos do passado, que podem ser rememoradas sempre no presente e que se tornam importantes fontes para a compreensão histórica. Para Pollack, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992, p.5).

Com a preocupação de trazer parte dessas memórias, o site oficial da Prefeitura municipal de Campo do Tenente 2018, afirma que "remontam ao ciclo do tropeirismo as origens históricas do povo tenenteano, da época em que se transportava gado dos pampas gaúchos até São Paulo, através do antigo "Caminho Sorocaba-Viamão"¹⁰. A cidade foi distrito Policial de Rio Negro entre 1902 e 1916. Apenas em 1961, de acordo com a lei 4388 foi elevada à categoria de município, formalizada oficialmente em 29 de outubro de 1961. Porém, ao trazer dados sobre a fundação da cidade, algumas informações não frisam

as memórias tropeiras:

[...] em 1829, chegaram à região da vizinha Rio Negro os primeiros imigrantes alemães. Estes fatores contribuíram decisivamente para o povoamento da imensa região, consequentemente ao povo tenenteano, que começava a se organizar. Registros históricos nos dão a data de 1847, como sendo o ano da povoação de Campo do Tenente. Dois fatores contribuíram para o progresso do lugar, a inauguração da estrada de ferro em 1894 e a chegada da energia elétrica, de forma gratuita, no ano de 1907. Este presente comunitário foi oferecido pelo major Henrique Stalhke, que instalou uma indústria no lugar, gerando energia elétrica, favorecendo a localidade [...]"¹¹

As informações do site da Prefeitura, consideram o ano da chegada dos colonizadores europeus como o ano de povoamento da localidade, tratando o mesmo como um elemento e sinônimo de progresso para a região. Nesse sentido, é preciso analisar o que uma data representa para a memória de Campo do Tenente. Segundo Chartier (1988, p.17), as representações sociais não são discursos neutros, pois elas produzem estratégias e práticas que têm por intenção impor autoridade à custa de outros, por elas menosprezados em alguns contextos. Assim, percebe-se que a participação do tropeirismo na construção sócio histórica da cidade, foi considerado pelo site como menos representativa da cultura local.

Outra perspectiva está livro memorialista de Luita Pfeiffer Utsch "Família Stalhke, da Europa para o Brasil" (2009), a qual traz a genealogia da família no país. Em razão, dos seus integrantes terem se estabelecido na cidade, a autora traz representações dessas memórias no capítulo "Campo do Tenente: uma pequena história sobre a vila, futura cidade", destacando a trajetória da família Stalhke e afirmando que a sua chegada em 1894 possibilitou o "progresso" da região (UTSCH, 2009, p.148). Desse modo, é perceptível que tal postura memorialista não evidencia tantas práticas culturais e sociais anteriores à chegada dos imigrantes. Postura esta que é reafirmada pelo site da prefeitura, quando este "dá destaque" aos europeus e não aos tropeiros.

A pesquisa de Joseli Vichinieski Novaki (2006) intitulada "O legado polonês em Campo do Tenente" tem por objetivo analisar as contribuições dos

8 Piquete: pequeno potreiro, ao lado da casa, onde se põe ao pasto os animais.

9 Invernção: ação de invernar o gado, de encerrá-lo em invernada.

10 Histórico de Campo do Tenente. Prefeitura, Municipal de Campo do Tenente/PR. Disponível em: <http://campodotenente.pr.gov.br/portal/historia/> Acesso 03/01/2018).

11 (IDEM)

descendentes dos poloneses em Campo do Tenente. Novaki (2006) faz uma breve abordagem do histórico do município, dando mais ênfase às memórias polonesas. Segundo a autora: “a cidade é conhecida pela conservação das culturas e raízes do seu povo que em grande parte são descendentes de poloneses e que se mantém vivas as tradições e costumes herdados” (NOVAKI, 2006, p.3). Assim, é notório que embora a autora reconheça a presença de outros povos, não os menciona da mesma forma que os poloneses.

Desse modo, os meios públicos de comunicação utilizaram de obras, cujo pressuposto eram destacar a memória europeia na colonização de Campo do Tenente. Essas narrativas fazem parte de uma tentativa de dar centralidade aos europeus, firmando uma história eurocêntrica e excludente, diante das diversas culturas presentes na construção histórica da cidade.

Nesse sentido, é possível entender uma perspectiva do historiador Jacques Le Goff (2003, p. 536), segundo o qual “o documento” não é qualquer acontecimento do passado, e sim um produto socialmente fabricado, de acordo com as relações de força que ali detinham o poder. Assim, a função do historiador é analisá-lo como se torna um monumento influenciando a memória coletiva.

Em outra perspectiva, José Carlos Veiga Lopes (2007, p.151) traz representações das memórias do tropeirismo e a sua participação no povoamento da cidade de Campo do Tenente. Segundo ele:

Em razão da abertura dos caminhos pelo ciclo do tropeirismo no século XVIII, as cidades ao longo desse trajeto começaram a ser povoadas, a denominação “Campo do Tenente” apareceu em 1730. Que por ali passou o “patriarca dos tropeiros”, Cristóvão Pereira de Abreu em 1732, após abrir o caminho da mata, e que a denominação “Campo do Tenente”, aparece em documentos, em 1745, no relato da viagem do Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria, que saiu de Santo Antônio da patrulha para Sorocaba (IDEM).

O autor José Carlos Veiga Lopes (2007) enfatiza representações históricas da cidade na data de 1730, informando que em razão do ciclo do tropeirismo se deu o povoamento das diversas cidades ao longo desse caminho. No mesmo trabalho, o autor apresenta os relatos sobre viagem do Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria, teria passado pela cidade em meados do século XVIII, em sua viagem rumo a São Paulo. Tal informação oferece a possibilidade de pesquisar sobre como se dava a passagem da comitiva, as dificuldades que os caminhos

apresentavam, quem foram os sujeitos presentes na construção histórica da cidade, antes da chegada de imigrantes europeus.

Ao confrontar as narrativas representadas na história de Campo do Tenente como as do livro de Lopes (2007), é possível observar que na cidade há várias memórias, porém, algumas delas foram mais lembradas. Neste caso, a principal é a dos colonizadores europeus, mesmo estes povos terem chegado à cidade muito tempo depois da presença das comunidades indígenas, dos negros e por fim da passagem dos tropeiros. Essas representações levam a uma disputa de memórias, pois elas são heranças culturais dos seus antepassados e todos os grupos que a compõem tornam a cidade ora um espaço mais europeu, ora mais tropeiro. Em relação a isso, Pollack (2012) afirma:

[...] se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos [...] (POLLACK, 2012, p.5).

Desse modo, com objetivo de pensar as relações entre as diferentes memórias que fazem parte da história de Campo do Tenente, a entrevista com Antônio Carlos Miranda Toledo traz algumas bases para reflexão. Este é integrante do Centro de Tradições Gaúchas, conhecido como “29 de outubro” e faz a seguinte observação:

A sexta-feira Campeira é um evento que acontece à noite, momento em que são realizadas competições de laço, separados por categoria, mirim de 01 a 13 anos, 14 anos em diante adulto e o Laço prenda. Nesse momento as famílias se encontram e revivem a tradição campeira, em um ambiente familiar e saudável. O tropeirismo está no meu sangue é herança do meu pai, que me ensinou a lida no campo e hoje eu repasso para os meus 03 filhos. A união da família, o respeito aos animais e a celebração dos costumes dos nossos antepassados, são a razão de celebrar essa memória, que foi herança dos tropeiros (TOLEDO, 2018).

As memórias do senhor Antônio representam a sua relação com a cultura tropeira, uma herança dos seus antepassados e que são repassadas aos filhos. Desse modo, essas representações das tradições herdadas são lembradas no seu cotidiano, com a participação da família nos eventos, com o cuidado com os animais e os ensinamentos da vida campeira. É uma forma de identificação de S.r. Antônio, um modo de sentir o seu pertencimento, de acordo com as lembranças narradas por várias gerações de

sua família. Desse modo, a cada evento realizado para a preservação das tradições do tropeirismo essa tradição é preservada.

Essas práticas sociais preservam as representações características da cultura tropeira na cidade. Segundo Eric Hobsbawm (1984, p.10) essa “tradição inventada” se apresenta em uma série de práticas, regulamentadas por regras, de natureza ritual ou simbólica. Em Campo do Tenente a tradição do tropeirismo vem cultuando valores e normas de comportamento através da repetição, dos acampamentos tropeiros, das cavalgadas, da reunião familiar, levando a um processo de continuidade em relação ao passado.

A partir dessas representações das memórias por meio da oralidade, segundo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira (2000), entende-se que:

[...] a história oral, “é uma linha historiográfica que explora a história e a memória rompe a visão determinista, que limita a liberdade dos homens e coloca em evidência a construção dos autores da sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente” [...] (FERREIRA, 2000, p.177).

A autora afirma que a história oral possibilita compreender novas maneiras de como apresentam-se as representações das memórias sociais, em razão, a elas darem vozes aos pequenos personagens. Aos mais diversos sujeitos sociais, muitas vezes, de origem marginal para a historiografia mais tradicional. Além disso, a historiadora também reafirma que as memórias são resignificadas no presente, o que demonstra que ainda no século XXI há uma importância do tropeirismo para cidadãos de Campo do Tenente.

Nesse caso, embora ocorram essas práticas sociais relacionadas à memória, está pouco é reafirmada ou representada na história local. Como as dos descendentes de tropeiros de Campo do Tenente, que rememoram essas práticas sociais, herdadas dos seus antepassados os tropeiros, porém pouco representada pela história local.

Ainda, de acordo com Chartier (1989) deve-se considerar estas representações coletivas dos descendentes de tropeiros, como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social. Segundo ele “Mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência, só são verdadeiramente tais, na medida em que comandam atos” (CHARTIER 1989, p. 12). Assim, as memórias e suas representações diferentes demonstram contrapontos de um mesmo processo histórico, enfatizando perspectivas plurais sobre a cidade de Campo do Tenente, ao mesmo tempo em que promovem a preservação da história local.

AS REPRESENTAÇÕES DAS MEMÓRIAS DO TROPEIRISMO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Para Cardoso & Vainfas (1997), um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente (IDEM, p. 539). Ao analisar as representações impressas no jornal “Voz do Campo” de responsabilidade da Paróquia Cristo Rei e no “Informação”, distribuído pelo Departamento de Cultura da Prefeitura municipal, observou-se como esses dois documentos escritos, que circularam pela cidade entre os anos de 2008 a 2015, influenciaram para que uma representação tropeira fosse mais singela na memória local. Isso se deve pela influência da versão europeizada sobre Campo do Tenente nesses meios de comunicação, tornando outras menos evidentes.

No jornal “Informação”, 2011. Lapa-PR: Via Gráfica, composto por 22 páginas e distribuído pela Prefeitura Municipal, em comemoração aos 50 anos de emancipação política de Campo do Tenente, há o seguinte título: “Cinquenta anos de emancipação política de Campo do Tenente” uma história marcada pelos imigrantes”. INFORMAÇÃO, p.01-22, out. 2011. LAPA-PR: VIA GRÁFICA. Essa reportagem tem por intuito informar sobre quais teriam sido as origens do município e, nesse caso, também atribui importância às atividades tropeiras, que teriam se iniciado no século XVIII.

Ao analisá-la, percebe-se que a notícia traz a participação da cultura tropeira na localidade destacando que ela foi responsável pelo povoamento da região, porém o título dá destaque aos imigrantes europeus, mesmo representando as memórias do tropeirismo na localidade. INFORMAÇÃO, p.03-22 out. 2011. LAPA-PR: VIA GRÁFICA. Além disso, é preciso lembrar que essas memórias ainda permanecem presentes, por meio de tradições rememoradas pelos seus descendentes em festas, eventos e no cotidiano da cidade.

Posteriormente, na edição o jornal Informação, 2011, p.08-22, out. 2011. Lapa-PR: Via Gráfica, traz uma matéria, cujo título é “Nosso Povo-Nossa História”. Neste, o editorial apresenta as origens de algumas localidades do município fundadas pelos poloneses a exemplo da Serrinha, segundo o informativo:

[...] nome que surgiu por volta de 1894, período da instalação da estrada de ferro. Esta localidade está localizada em um trecho, em que havia certa dificuldade de as máquinas puxarem os vagões até o alto da serra quando saía de Campo do Tenente em dire-

ção a Rio Negro. [...]. Nesta localidade do município predomina a presença dos descendentes de poloneses [...] (IDEM)

No entanto, o editorial não aborda na edição outros lugares representativos como: o espaço do Rodeio, Santana, Paiol do Fundo, o Lajeado¹². Essas comunidades pertencem ao interior do município e são cheias de vivências, costumes e tradições. Além disso, nesses lugares a cultura europeia tem pouca representação. Nesse caso, os lugares que estão em maior evidência são aqueles em que elementos europeus são apontados como principais. Sendo assim, elas não recebem a mesma representatividade pelo editorial.

Dessa forma, ao analisar essa edição do “Informação”, percebeu-se que as representações da cultura tropeira estão presentes apenas na primeira página. Ou seja, há uma narrativa oficial que considera o tropeirismo como constituinte de Campo do Tenente, entretanto, não há uma preocupação dessas edições em fortalecer essa memória. Diante disso, a história de Campo do Tenente representada nesse editorial impresso leva a um questionamento sobre os lugares ocupados pelas memórias de descendentes de europeus e de tropeiros. Provavelmente, o peso responsável por esse “direcionamento” mais referente aos imigrantes europeus se dá pela escolha de um referencial mais memorialista desses povos.

Segundo Cardoso & Vainfas ao analisar um documento, o historiador deve atentar para o conteúdo histórico que pretende analisar, como as representações das memórias do tropeirismo, apresentadas nos jornais e informativos locais da cidade de Campo do Tenente. Segundo o autor, a análise do texto depende do tipo de escrita, do vocabulário, dos enunciados e dos tempos verbais (IDEM, p.539), assim, esses editoriais destacam as tradições dos descendentes de europeus na cidade, o que consequentemente, causou uma menor divulgação das representações da cultura tropeira na história local.

Nessa mesma direção, outra fonte analisada foi o Jornal “Voz do Campo”, um arquivo impresso de oito páginas, de circulação mensal e de responsabilidade da Paróquia Cristo Rei. A análise do jornal se deu, com ênfase nas representações das memórias da cultura tropeira, no posicionamento do “Jornal Voz do Campo” frente as diversas memórias locais e no contexto histórico do período.

Na sua primeira edição o jornal “Voz do Campo”: traz como título: “Pequena História de Campo do Tenente”. A edição afirma que os primeiros habitantes eram os grupos indígenas Kaingangues e Botocudos e, por volta, de 1543, o território era conhecido por pertencer a “Capitania de Itamaracá”, assim como esteve envolvido na rota Sorocaba/Viamão (VOZ DO CAMPO, p.04-03, set. 2008). Dessa forma, entende-se que o seu contexto foi representar o histórico da cidade. Entretanto, não há um aprofundamento das relações entre o passado e o presente no que se refere às tradições.

É possível ainda analisar na edição do jornal “Voz do Campo”, 11 - julho de 2009. Campo do Tenente-PR: Paróquia Cristo Rei. Duas imagens pequenas, em preto e branco, com o título “Concentração e caminhada rumo a igreja do Divino” (foto 01).

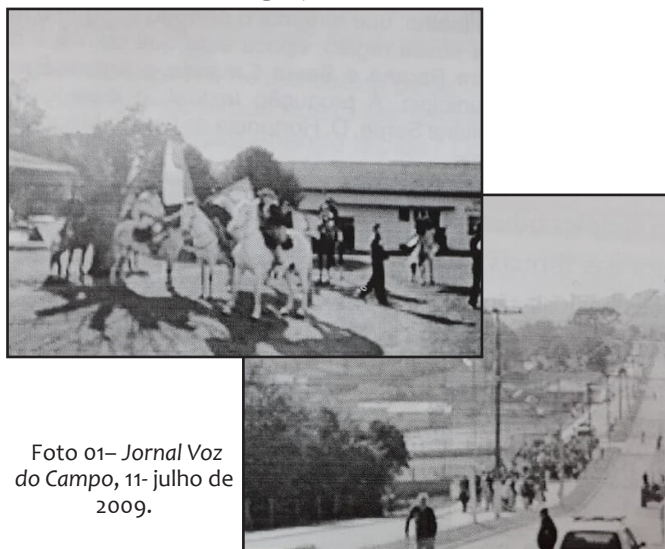


Foto 01- Jornal Voz do Campo, 11- julho de 2009.

A imagem apresenta as pessoas de Campo do Tenente, em uma cavalgada, rumo a Igreja do Divino Espírito Santo. Essa tradição da cavalgada até a Igreja faz parte da devoção dos tropeiros e representa um momento em que é também comemorada a memória tropeira na cidade. No entanto ao analisá-las, verificou-se que são tão pequenas e sem nenhum texto ou legenda explicativa a respeito das pessoas ali retratadas, que facilmente passariam “despercebidas”. A legenda apresenta também erro na grafia, pois a palavra certa é “cavalgada” e não “caminhada”, demonstrando a falta de conhecimento e de análise sobre as representações da cultura tropeira.

Ainda em outubro de 2009, ao se referir ao “Histórico do Município de Campo do Tenente”, o jornal tem a seguinte informação:

12 Localidades pertencentes ao interior do município de Campo do Tenente.

Campo do Tenente foi antigo Repouso dos Tropeiros, teve a sua emancipação política em 1961. Desmembrando do território de Rio Negro nesse período a vila extrema decadência em razão a retirada dos trilhos da linha do trem. Segundo relatos de antigos moradores o auge econômico do município se deu entre 1900 a 1955. [...] instalando-se oficialmente em 29 de outubro 1961. [...] a cidade é formada por descendentes de colonizadores europeus, que mantém vivas as sua a cultura na cidade. VOZ DO CAMPO, p.06-08 out. 2009).

Para fazer essa afirmação, o jornal “Voz do Campo” utiliza como referencial a pesquisa da historiadora Joseli Vichinieski Novaki. Ou seja, a edição foca em perspectivas sobre os poloneses na cidade, enfatizando uma representação social de uma cidade europeizada.

Posteriormente, no mesmo jornal, é possível analisar três imagens da “Estação Ferroviária de Campo do Tenente”:



Pouso dos tropeiros - Primeiro Estação de Campo do Tenente, em Madeira.

Construída “nova” estação em 1935. Foto da época da inauguração.

A estação em 2009 (hoje Câmara Municipal).

Foto 03 – Publicado no Jornal Voz do Campo, julho de 2008.

A primeira foto, em preto e branco, é da antiga pousada dos tropeiros na cidade, uma construção de madeira. A segunda imagem retrata a inauguração da Nova Estação Ferroviária, construída em 1935. Já a terceira imagem, em 2009, refere-se à atual Câmara Municipal de Vereadores (VOZ DO CAMPO, p.05-08, de nov. 2009).

Essas imagens representam a trajetória do prédio da estação ferroviária que, primeiramente foi utilizado como pouso pelos tropeiros na cidade, depois tornou-se a estação ferroviária e funciona desde 1999, como Câmara Municipal de Vereadores. Esse talvez seja o prédio mais antigo de Campo do Tenente, motivo pelo qual seria importante a sua preservação como patrimônio histórico cultural, visto que um museu tornaria esse espaço como lugar de memória da história local.

Em outra edição de 2011, o jornal Voz do Campo traz uma reportagem, cujo título é: “Campo do Tenente” “Oh Terra Amada”. Voz do Campo, p.03-08, out. 2011. Campo do Tenente-PR: Paróquia Cristo Rei. Nesta edição o mesmo destaca que, “em razão a comemoração dos 50 anos de emancipação política do município, convém olhar para o legado de ocupação do território antes pelos índios, após pelos tropeiros, para se deslocarem para Sorocaba em São Paulo” (IDEM).

Em seguida, descreve a passagem do “Monge João Maria” (nome pelo qual ficaram conhecidos três monges que passaram pela região sul do Brasil no final do século XIX e primeira metade do século XX. Tinham o caráter de curandeirismo ou de mesianismo) e a construção da estação de ferroviária de Campo do Tenente. Apenas após essas colocações, frisa sobre a chegada dos colonizadores europeus, citando os nomes das famílias residentes na cidade e a sua atuação nos diversos setores. Esse, destaque aos tropeiros, segundo o jornal, “a cidade só se desenvolveu, em razão da presença dos europeus”. VOZ DO CAMPO, p.03-08, out. 2011. CAMPO DO TENENTE-PR: PARÓQUIA CRISTO REI. Assim, ao analisar essa edição em conjunto com as anteriores, percebe-se que prevaleceu a memória da cultura europeia, no que se refere à história da cidade.

A imagem abaixo, do jornal “Voz do Campo”, tem uma imagem comemorativa, cuja a legenda é: “Cavaleiros representantes de Tropeiros na procissão da Festa do Divino”. VOZ DO CAMPO, p.08-08, jul. 2012. CAMPO DO TENENTE-PR: PARÓQUIA CRISTO REI. A Imagem, embora colo-

rida, não permite a identificação das pessoas, eixando o leitor sem informação sobre o porquê desse povo estar ali, de se dirigir às festas vestidos daquela maneira, ou mesmo do que a imagem representa. Nesse caso, as imagens referem-se a um costume de descendentes de tropeiros, de se reunirem todos os anos em cavalgada rumo à festa do Divino.



Foto 04 – publicada no *jornal Voz do Campo*, julho de 2008.

Diante disso, seria de grande importância para a preservação da cultura tropeira na cidade e também, para melhor compreensão do leitor, que o jornal abordasse o significado dessas representações da cultura tropeira na festa do Divino Espírito Santo. Isso se deve, justamente por essa festa ser um evento em que os descendentes de tropeiros possivelmente rememoram os costumes e as tradições dessa cultura na cidade, com base na fé e devoção ao Divino Espírito Santo.

É possível observar no jornal “Voz do Campo” uma cultura tropeira representada com menos ênfase, bem como pouco presente no cotidiano da cidade. Em geral, as edições narram sobre a presença de tropeiros no desenvolvimento dos caminhos de Campo do Tenente, como rota do tropeirismo, porém não foram contextualizadas na importância que podem ter para muitos ainda no contexto do século XXI.

Desse modo, este artigo ao trazer notícias de jornal e obras memorialistas, entende a necessidade de se pensar nas narrativas não é só oral, é com base em todas. Nesse caso, também é preciso considerar como fonte as entrevistas orais, porque essas de-

monstram a complexidade sobre as múltiplas versões da fundação da cidade de Campo do Tenente. Elas dão vozes aos sujeitos que também fazem parte da história local, cujas memórias não são tão bem consideradas como outras.

A primeira entrevista sobre as representações das memórias do tropeirismo foi com a professora de História do Colégio Victor Bussmann, Rosalba Arruda Ávila. Segundo ela, entre diversas práticas que podem lembrar a influência do tropeirismo, o “Acampamento Tropeiro”, é um dos elementos que representam o ciclo econômico, social e cultural, forjado a partir do tropeirismo do século XVIII. O acampamento, portanto, tem por intenção proporcionar aos alunos e visitantes, um conhecimento mais profundo sobre a cultura tropeira, a fim de contribuir com a preservação dessa memória e desses comportamentos identitários.

Ao questionar a professora Rosalba Arruda Ávila do porquê da realização desse evento no colégio, a resposta foi a seguinte:

Esse era o tema da minha oficina na Feira do Conhecimento¹³, e juntamente com os alunos, que se identificavam com o tropeirismo na escola, assim, o dia todo ficamos envolvidos em reviver essas memórias, costumes e tradições. Foi simulado um Acampamento Tropeiro no pátio do colégio, regados ao chimarrão, com direito a almoço feito no fogão a lenha, cavalgadas, vestidos no estilo tropeiro, preservando naquele evento as memórias e costumes, herdados dos nossos antepassados (ÁVILA, 2017).

As lembranças da Sr.^a Rosalba sobre a cultura tropeira evidenciam um período da história do município, e que foram rememoradas nesse evento. Para ela, esse momento representou a união da comunidade escolar, pois preservar e falar acerca dessas memórias na escola possibilitou que o processo de ensino aproximasse os alunos das representações sociais locais. Além disso, a comunidade escolar também pode ter reflexões críticas sobre esse processo histórico, possibilitando a eles conhecer as memórias daqueles que também fizeram parte da história de Campo do Tenente.

Já o funcionário do colégio o senhor, Luiz Carlos Ávila Arruda, relatou que carrega em sua memória uma vida toda de “tropeada”¹⁴, cavalgada no lombo do cavalo, vestido no estilo campeiro e na roda de mate¹⁵.

13 Feira do conhecimento: evento realizado no Colégio Victor Bussmann, se deu em 10/10/ 2014, onde as diversas áreas do conhecimento realizaram atividades, aberta ao público nos três períodos de funcionamento da instituição.

14 Tropeada: Ato de conduzir a tropa de gado.

15 Roda do mate: começa com o preparador (geralmente o dono da casa ou estabelecimento, em locais mais informais, o dono dos apetrechos) tomando o primeiro e o segundo chimarrão, que depois é passado para o primeiro à sua esquerda, e assim sucessivamente.

Na escola, a realização do Acampamento Tropeiro se deu:

A fim de rememorar os costumes e tradições junto aos alunos do meu amado colégio, ele teve como o objetivo contar aos mais jovens a história dos seus antepassados. A cidade de Campo do Tenente preserva a tradição tropeira, só falta uma sede para reuniões e eventos, para celebrar essa preciosa memória de grande parte do povo tenenteano. (ARRUDA, 2017).

Segundo o senhor Luiz, a intenção foi a de celebrar e mostrar o significado desse tradicionalismo herdado dos tropeiros. Em razão, da cultura do tropeirismo representar para ele na atualidade uma atividade que permite a participação de todos e faz parte da história local.

Para os alunos, participantes do Acampamento Tropeiro, realizado no colégio, o objetivo foi de construir um conhecimento de como os moradores na atualidade se identificam com esses costumes e preservam as tradições de seus antepassados. Segundo eles:

Foi um momento de grande festa, pois preservar as memórias do tropeirismo significou trazer para a nossa escola uma cultura herdada dos antepassados, que celebra a fé em nossa Sr.^a Aparecida e presente no nosso dia a dia. Reviver esses costumes e tradições, no colégio, teve como objetivo contar ao público, a história dos nossos antepassados, os tropeiros, e também, refletir sobre a importância dessas memórias e da nossa participação na história local. Assim, socializar esse conhecimento no Acampamento Tropeiro nos fez compreender como os costumes herdados, são parte da história da cidade.

Segundo os alunos (05) participantes do Acampamento Tropeiro, em entrevista realizada em (29/05/2017), nesse dia cultivaram a cultura tropeira, preservaram os costumes herdados dos seus antepassados e construíram um saber de como essas tradições são parte da história da cidade. Segundo Ferreira (200, p. 76), na atualidade comparar as entrevistas realizadas, permite saber os novos gêneros de contar histórias e possibilita conhecer mais sobre a identidade cultural das pessoas. Desse modo, os alunos participantes do “Acampamento Tropeiro” conheceram, as práticas sociais herdadas dos seus antepassados, de acordo, com os costumes da sua época, percebendo a sua participação como sujeitos históricos, além de colaborar com o processo de preservação da cultura tropeira.

Essas representações ficaram registradas em um arquivo digital fotográfico, que retratou como os membros da comunidade escolar do Colégio Victor Bussmann trabalharam com perspectivas identitárias culturais e sociais através das memórias

do tropeirismo. Abaixo algumas imagens e representações desse dia:



Foto 5- Professora: Rosalba Arruda Ávila.



Foto 6- Sr. Luiz Carlos Ávila Arruda.
Abrindo o evento no estilo tropeiro. Preparando o almoço.



Foto-3 Visita dos alunos de outras escolas

Fotos do Arquivo digital: Acampamento Tropeiro. Waldermar Mulbank- Assessoria de imprensa NRE/Sul. Disponível em: <<http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=38>>acesso 01/01/2018.

As imagens do Acampamento Tropeiro repre-

sentam um período da história do Centro Sul do país, lembrando no pátio do Colégio Estadual Victor Bussmann e registrado em fotografias na cidade de Campo do Tenente em outubro de 2014. De acordo com Roger Chartier (1989, p.12), é importante considerar estas representações coletivas como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social, pois essas imagens representaram uma visão de como essa cultura se faz presente e parte da história local, contribuindo na construção da memória e identidade dos seus moradores.

Esse evento retratado pelas imagens do Arquivo Digital foi um momento em que as representações herdadas da cultura tropeira foram frisadas, assim, a realização do “Acampamento Tropeiro” teve como intuito e rememorar as memórias do tropeirismo em Campo do Tenente naquela época. Desse modo, foram incentivadas o uso de roupas no estilo campeiro, representação de cavalgadas pelo pátio do colégio, o preparo de comidas tropeiras, assim como o uso de fogão a lenha, por meio dessas práticas e representações, a comunidade escolar do Colégio Estadual Victor Bussmann, (re) conheceu a cultura tropeira, a qual é uma tradição para história da cidade.

Ainda segundo Cardoso e Vainfas (1997), representa através da produção da imagem, uma pista. Esta é um fruto da ação humana, que chega através de códigos convencionalizados socialmente, com um caráter conotativo e que retrata em imagens “o ser” e “o agir” do contexto no qual está inserida, transmitindo mensagens. No entanto, tal relação não é automática, pois, entre o sujeito que olha e a imagem que elabora, “existe muito mais do que os olhos podem ver” (CARDOSO e VAINFAS, 1997, p. 574).

Dessa forma, as entrevistas orais e as imagens digitais tiveram o objetivo de trazer outros olhares sobre a versão mais comum, a de que as memórias de imigrantes europeus, enfatizadas por jornais e livros memorialistas, seriam as únicas ou mais importantes para a história de Campo do Tenente. Desse modo, esse artigo teve por intenção apontar que há várias memórias na cidade, as quais disputam um lugar mais privilegiado em relação as outras.

De acordo, com Cardoso e Vainfas (1997, p.30), aprender o ofício de historiador significa também cruzar as fontes, produzir confronto entre elas, a fim de fazer novas perguntas a elas, assumindo o perfil “detetivesco de historiador”. Assim, é possível produzir um conhecimento histórico que descon-

trói conceitos hegemônicos, possibilitando que as diversas representações das memórias sociais tenham um lugar na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como o objetivo debater sobre parte da memória que compõe a história local de Campo de Tenente, a qual permitiu a um determinado grupo social firmar a sua identidade cultural. Segundo Amorim (2012, p.91), a memória e a identidade interagem em um diálogo, por meio dos acontecimentos vivenciados e rememorados por determinados grupos. Assim, elas fazem parte de uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado, que se quer salvaguardar. Além disso, podem se integrar em tentativas mais ou menos conscientes, ou mesmo “disputar” um espaço para reforçar sentimentos de pertencimento mais de uma cultura em relação a outra (POLACK, 1989, p.12).

As memórias do tropeirismo foram passadas ao longo das gerações, sendo esse um modo de manter as tradições e os costumes, como reuniões para cavalgadas e acampamentos, firmando assim, práticas identitárias. Diante disso, buscou-se em diversos tópicos analisar as memórias de Campo do Tenente representadas nos jornais locais e informativos municipais, porém confrontando-as com as versões das fontes orais e retratadas nas imagens digitais.

Por meio das fontes é possível observar como a cultura tropeira se faz presente na construção sócio histórica da cidade. Segundo Chartier, ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto (CHARTIER, 1988, p.17) e, este, foi o intuito dessa pesquisa.

Por fim, percebeu-se que ao contemplar um fazer historiográfico mais plural, este possibilitou que diversas memórias fossem representadas como construtoras da identidade social de Campo do Tenente. Sendo assim, novos olhares foram lançados sobre a história local, bem como sobre a participação de diversos sujeitos sociais.

FONTES

Entrevista concedida por Luiz Carlos Ávila Arruda, 54 anos. [out. 2017]. Entrevistadora: Beatriz Santos de Oliveira. 2017. 1 arquivo mp3 (00: 10:14 min).

Entrevista concedida por Rosalba Arruda Ávila, 52 anos. [out. 2017]. Entrevistadora: Beatriz Santos de Oliveira. 1 arquivo mp3 (00:20:40 min).

Entrevista concedida por Antônio Carlos Miranda Toledo, 38 anos [março. 2018]. Entrevistadora: Beatriz Santos de Oliveira. 1 arquivo mp3 (00:28:40 min).

Entrevista concedida por 05 alunos participantes do Acampamento Tropeiro (Entrevista realizada em 29/05/2017), e presentes na Oficina Pedagógica, sobre a importância das memórias do tropeirismo na cidade de Campo do Tenente resposta ao questionário, realizado na Oficina Pedagógica da disciplina de Estágio Supervisionado I).

Jornal “**Voz do Campo**”, edições dos anos de 2005 a 2015. (Responsabilidade da Paróquia Cristo Rei). Edições: 1 setembro 2008- ano/ 11- julho, 2009 / 14 outubro, 2009 /ano /10 -outubro de 2011/ano / 7- julho 2012.

INFORMAÇÃO; informativo, dos 50 anos de emancipação política de Campo do Tenente do ano de 2011. (Responsabilidade do Departamento de Cultura, da Prefeitura municipal Campo do Tenente).

INTERNET -Site da NRE/SUL. Arquivo digital fotográfico, do acampamento tropeiro que se deu em 10/2014, no Colégio estadual Victor Bussmann. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=38> > acessado em 01/01/2018.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques. História, memória, identidade e História oral. **Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul**. São Paulo, v. 1, n. 2, jan. jun. 2012.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS Ronaldo. Domínios da História In; ____ **História e Análise de Textos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER. Roger. O mundo como representação. PDF. **Revista USP**. SP v. 5, n. 11, 1991. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>> acesso em 15/03/2018.

CELESTINO Ayrton Gonçalves Celestino. “**Os Bucovinos do Brasil**” e a **História de Rio Negro**. Paraná: Tore de Papel, 2002.

D'. ALMEIDA, Raul. **A História de Rio Negro**. Rio Negro: Editora autor, 1976.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral velhas questões, novos desafios. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332. Disponível em: <http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf> acesso em 10/01/2018.

FRASSON, Antonio Carlos GOMES; Silvestre Alves. TROPEIRISMO: Processo civilizatório da região sul do Brasil. UTFPR/PG/CESCAGE. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/frasson_artigo.pdf> acesso em 20/01/2018.

GOULARTI FILHO, Alcides Goularti. **Textos de Economia, Florianópolis**, v.15, n.2, p.111-138, jul. /dez.2012. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/21758085.2012v15n2p111>> acesso em 10/01/2018.

GRUBER, Tayná. Entre mio-mios e embiras: homens e animais no caminho das tropas. **Revista Ateliê de História**. UEPG, 4(1): 21-43, 2016.

HISTÓRICO de Campo do Tenente. Prefeitura, Municipal de Campo do Tenente/PR. Disponível em: <<http://campodotenente.pr.gov.br/portal/historia/>> acesso em 03/01/2018.

JOBOJI, Nádia Terumi. **Projeto Turístico Integrado De Desenvolvimento Regional: o caso da Rota dos Tropeiros no Estado do Paraná.** 2009. Dissertação de mestrado (mestrado em Hotelaria e Turismo) -Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú. Santa Catarina. 2008. Disponível em: < <http://siaibib01.univali.br/pdf/Nadia%20Terumi%20Joboji.pdf>> acesso em 25/04/2017.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. In: _____. Memória. Tradução Bernardo Leitão... [et al]. 5º ed.-Campinas. SP: Editora da UNICAMP, 2003.

_____. Monumento e Documento. Tradução Bernardo Leitão...[et al]. 5º ed.-Campinas. SP: Editora da UNICAMP, 2003b.

LOPES, José Carlos Veiga. **Aconteceu Nos Pinhais.** Curitiba.PR : Editora Progressiva. 2007.

MENDES, Eliane de Lima. O Lugar do Tropeiro na Fundação Do Paraná: Um Percorso Pela. Escrita da História. **A Revista História, Movimento e Reflexão. v.2, n. 1. 2014.** São Paulo.

MOSER Plinio, Peyerl Moser Paulo Roberto. **O Pacificador.** Mafra. SC: Editora Nitram, 2012.

NOVAKI, Joseli, Vichinieski. **O Legado Polonês em Campo do Tenente.** UnC. Mafra, 2006. **Monografia** (Bacharelado em História) – Universidade Estadual de Santa Catarina. 2000.

RIBEIRO, José Hamilton. **Os Tropeiros.** São Paulo: Editora Globo. 2006.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revistas Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revistas Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

UTSCH Luita Pfeiffer. **Família Stalhke, da Europa para o Brasil.** Curitiba: Tecnocópias. 2009.

ZATTI, Carlos. **Os vinte, Fragueiros de Campo do Tenente.** Curitiba: IHGPR, 2014. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books/reader?id=chISBQAAQBAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&output=reader&pg=GBS.PA3>> acesso em 03/03/2017.